

## Dr. Robert Vannoy , Deuteronômio , Palestra 3

© 2011, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Redação, crítica canônica e retórica

Além da crítica formal

Estávamos olhando para o ponto 2 do esboço, “Evangelicalismo Concessionário” na última aula. Quero voltar esta tarde para 1.c, pouco antes disso, e repassar aquela apostila que dei também no último horário de aula. Acho que farei algo que não gosto de fazer, mas por uma questão de tempo, vou ler isso com vocês e fazer alguns comentários aqui e ali. Então , isso é daquela apostila que distribuí na última aula. “Além da crítica formal” é o título, e há três subpontos abaixo dele.

“Nos últimos anos, a insatisfação com a fragmentação do texto bíblico produzida pela crítica da fonte e da forma deu origem ao desenvolvimento de uma variedade de novas abordagens para a análise do texto, que se concentram mais na unidade da sua forma atual do que na história. do seu desenvolvimento.” Agora, se você pensar um pouco, nesta história da análise de texto que estivemos examinando, bem, agora estamos mais interessados nas fontes documentais. Com a crítica de forma tentamos ir além dessas fontes para as unidades individuais que foram combinadas nas fontes.

“A tendência da crítica tanto da fonte quanto da forma é fragmentar o texto, e se você olhar a literatura que foi a tal extremo, torna-se um tipo de trabalho muito tedioso e sem muitos resultados positivos. Há uma reação que se instalou nos últimos 15 anos ou mais para esse tipo de trabalho, e agora o interesse está mais na forma final do texto. Isso não quer dizer necessariamente que todo esse outro tipo de trabalho seja ilegítimo, *por si só* . Não é para negar as metodologias, mas para dizer, bem, vamos olhar para a forma final do texto, em vez de colocar toda a nossa atenção em todas essas preliminares e no que finalmente resultou na forma final. Assim, na última década, vimos o surgimento de metodologias intimamente relacionadas de crítica de redação, crítica canônica e o que, por falta

de um rótulo melhor, chamarei de “abordagem literária” do texto do Antigo Testamento.

### 1. Críticas de Redação

Então, primeira crítica de redação. O que faremos é apenas olhar para estas três categorias de abordagem e tentar ter uma ideia muito pequena do que está envolvido. Crítica de redação: Este movimento teve suas raízes na obra de Martin Noth e Gerhard von Rad, mas tendeu a ir muito além deles em seu foco na forma final do texto. Tanto a crítica literária como a crítica da forma tendiam a fragmentar o texto em vertentes documentais ou em unidades literárias independentes. Desde o início, os críticos literários falaram de redatores” [falamos sobre isso, é difícil combinar as fontes] “que foram responsáveis por combinar as vertentes literárias na sua forma atual. Estes redatores, no entanto, receberam pouca ou nenhuma atenção porque o foco de interesse estava em isolar os documentos literários, ou unidades de histórias independentes, com os quais estes redatores anônimos trabalhavam. Marcado em sua bibliografia, no final da página dois, está J. Barton em *The Old Testament Method and Biblical Study* . Se você deseja obter uma pesquisa recente de todas essas metodologias, então o livro de Barton é um bom livro para ler, embora Barton não apresente essa pesquisa de uma base evangélica e conservadora. Ele mesmo utiliza a maioria dessas metodologias e não vê nada de errado com elas. Mas ele traça a história da abordagem metodológica da leitura do Antigo Testamento. Como diz Barton na página 45: “Provavelmente sentiu-se que os redatores dificilmente poderiam ter sido pessoas de muita originalidade, ou mesmo inteligência, ou teriam feito um trabalho melhor e não deixariam os traços reveladores de inconsistência e tendência narrativa sinuosa que permitiu aos estudiosos modernos reconstruir as matérias-primas com as quais aplicavam seu tedioso comércio.”

Mas, como Franz Rosenswhite apontou há muito tempo, “R”, um símbolo para redatores, deveria ser considerado como representando *Rabenu* , que é um

termo hebraico que significa “nosso mestre”, uma vez que é do redator que recebemos as escrituras. E veja, se você concordar com suas teorias, é realmente verdade : foi o redator quem colocou as Escrituras na forma que você as tem, e é do redator que você recebe as Escrituras. Ele se torna seu mestre - o redator - nem todo o autor J, autor D, autor P ou qualquer outra coisa.

Esta percepção reflecte-se no esforço de Gerhard von Rad para ir além de uma tentativa de explicar o crescimento marginal do texto bíblico até à sua forma actual, passando a interessar-se pela forma como o redator pretendia que compreendêssemos o texto na forma em que foi apresentado. Veja, aí você avança em direção à forma final. Embora não neguem a legitimidade de todo esse outro tipo de trabalho preliminar, concentram-se na forma final. É aí que obteremos nosso significado remanescente. Este desenvolvimento é certamente bem-vindo no campo dos estudos bíblicos, uma vez que produz resultados muito mais positivos e úteis do que a crítica literária e histórica de épocas anteriores.

Barton diz que com a crítica de redação chegamos ao que o aluno formado em outras literaturas entenderia por crítica literária. É a tentativa de dar o que às vezes se chama de leitura atenta do texto, analisando como o autor/editor consegue seus efeitos. Por que ele organiza seu material dessa maneira e, acima de tudo, que artifícios ele usa para dar às unidades a incoerência de seu trabalho.

Há, no entanto, uma ironia em tudo isto. EJ Young salientou há muito tempo que existe uma unidade na plenitude que a hipótese documental não explica satisfatoriamente. Se os primeiros cinco livros da Bíblia fossem reunidos da maneira exigida por esta hipótese, seria difícil, se não impossível, compreender como o resultado poderia ser a unidade que o Pentateuco realmente exhibe.

a. O perigo da crítica de redação de Barton      Barton, página 56, na verdade fala do perigo da crítica de redação, e isso eu acho muito interessante, minando seus próprios fundamentos. Ao realizar o que ele chama de característica conjuradora dos críticos bíblicos que pode ser chamada de “o redator desaparecido”, ele diz,

página 57: “O truque é simplesmente este: quanto mais impressionante o crítico faz o trabalho do redator parecer, mais ele consegue. ao mostrar que o redator, por meio de um talento artístico sutil e delicado, produziu um texto simples e coerente a partir dos diversos materiais que tinha à sua frente. Quanto mais ele reduz também as provas com base nas quais a *existência* dessas fontes foi estabelecida em primeiro lugar. Assim, se a crítica da redação agir com muita confiança, acabaremos com um texto tão coerente que não se justifica mais nenhuma divisão nas fontes, e as fontes e o redator desaparecem juntos numa nuvem de fumaça, deixando um único e livremente escrito. narrativa composta com, sem dúvida, um único autor.” Ele prossegue dizendo que “não é difícil imaginar que o truque que acabamos de descrever seja particularmente caro aos corações dos oponentes fundamentalistas da crítica bíblica não conservadora. E nas suas mãos pode muito bem tornar-se um meio conveniente de mostrar que os críticos estão presos ao seu próprio petardo.” Agora, essa é uma expressão que não sei se você conhece. O que significa é explodido pela sua própria bomba – ou , para dar a nossa analogia, quando a caixa mágica que continha o redator é aberta, não só o redator se foi, mas o próprio Moisés entrou no seu lugar. Uma perspectiva muito assustadora, de fato, para qualquer tipo de crítico superior.

Veja, é uma reviravolta interessante que as coisas deram. Você tem toda essa crítica de fonte e crítica de forma, e então você tem o interesse na forma final e o interesse nos redatores que unificaram tudo isso, mas assim que você começa a enfatizar demais o redator e a unidade das coisas, você ' na verdade, fechamos o círculo: por que não deixar o redator ser o autor? E por que falar sobre as fontes? Portanto, há muita oscilação agora na crítica literária sobre essas questões. Mas os críticos da redação estão interessados no redator final e em como ele uniu todas essas fontes em uma espécie de unidade na forma final do texto. Esses críticos estão interessados na forma final, embora a maioria dos praticantes da crítica de redação não rejeite a fonte tradicional e a crítica da forma. Observe que eu digo

mais.

#### b. Evangélicos e críticas de redação

Há evangélicos que aderiram à crítica de redação a tal ponto que não endossariam todas as conclusões da crítica de forma e fonte, embora a maioria deles o faça. Embora a maioria dos praticantes da crítica de redação não rejeite a crítica tradicional das fontes, é possível utilizar esse método de maneira legítima e útil como um meio de tentar discernir o propósito por trás da seleção, organização e apresentação de seu material pelo autor. Penso que, nessa medida, se pode dizer que há alguma legitimidade neste método. Por exemplo, por que no evangelho de Mateus, em oposição ao de Lucas, certos eventos são registrados? Por que eles são descritos de certas maneiras? Você sabe, muitas vezes temos o caráter judaico do evangelho de Mateus em oposição ao caráter grego do evangelho de Lucas. Por que? São públicos diferentes? Isso é, de certa forma, crítica de redação, porque você está tentando entender por que ele selecionou o material daquela maneira. Qual foi o propósito por trás disso? Por que ele organizou da maneira que organizou? Qual é o propósito por trás disso? Por que ele o apresentou com a linguagem e o vocabulário que apresentou? Qual foi o propósito por trás disso? Tudo isso está envolvido no que é conhecido como crítica de redação.

#### c. Confiabilidade histórica ainda prejudicada

Deveria ser entendido, contudo, que geralmente a aplicação deste método pouco fez para aumentar a confiança na confiabilidade histórica do Antigo Testamento. Na verdade, a confiabilidade histórica é seriamente prejudicada quando se afirma, como é frequentemente o caso na prática real, que o redator distorceu o material histórico a fim de defender uma posição teológica. Agora, isso é frequentemente o que será dito. Aqui está um redator que está mais interessado em apresentar algum tipo de argumento teológico do que em apresentar fatos

históricos precisos. Portanto, ele irá distorcer ou manipular suas fontes de informação para que se encaixem em algum tipo de esquema teológico preconcebido. Veja, isso é bastante conjectural; aqui está o seu propósito e aqui está o que ele fez para alcançá-lo. Há muito trabalho sendo realizado sob o nome de crítica de redação que faz esse tipo de coisa com o texto.

#### d. Gundry sobre Matthew usando crítica de redação

Observe a controvérsia (isso está no Antigo Testamento) em torno do comentário sobre Mateus de Robert H. Gundry, *Matthew: A Commentary on His Literary and Theological Art*, Grand Rapids, Eerdmans, 1982, que utilizou esse método e concluiu que muitos eventos transmitidos em o Evangelho de Mateus não deve ser considerado histórico. Gundry renunciou sob pressão da Sociedade Teológica Evangélica em 1983, creio, talvez em 1984. Há um artigo sobre isso no *Christianity Today*, 3 de fevereiro de 1984. Posso dizer que os membros da Sociedade Teológica Evangélica, todos os anos, quando pagam suas quotas, assinam uma declaração que diz que acreditam na inerrância das Escrituras. Não sei como está escrito exatamente, mas é basicamente isso que diz. Gundry continuou a assinar isso. No entanto, ele disse, em seu comentário, que sentia que havia propósitos teológicos sendo atendidos pelo arranjo de materiais que realmente colocavam em risco qualquer confiabilidade histórica.

Deixe-me apenas dar uma ilustração: Gundry argumentou que Mateus mudou livremente as histórias que são relatadas mais historicamente por Lucas. Gundry diz, por exemplo, que Mateus transformou os pastores nos campos em magos do Oriente porque queria prefigurar e enfatizar a missão de Jesus aos gentios. Ele não acredita que homens sábios visitaram Jesus. Veja, o que ele realmente está dizendo é que essas são duas histórias sobre a mesma coisa e que os magos nunca visitaram realmente Jesus, eles eram pastores. Mas veja, o propósito teológico de Mateus foi melhor servido com homens sábios do que com pastores, então Mateus manipulou suas fontes dessa forma. Acho que você pode ver com

esse tipo de coisa por que ele estava sob pressão e foi forçado a renunciar ao ETS. [Veja mais adiante, caso tenha interesse nisso, o artigo “Crítica de redação: vale a pena o risco?” Christianity Today Institute, *Christianity Today*, 18 de outubro de 1985, páginas 1-10 desta seção do Instituto da revista; e depois Kenneth Kantzer , “Redaction Criticism: Handle with Care ”, Christianity Today Institute, também na mesma edição do *Christianity Today* . Esses são dois bons artigos resumidos, escritos popularmente, que dão uma ideia de como os evangélicos têm lutado com toda essa área de crítica da redação. A maioria dos evangélicos concederá um certo grau de legitimidade a isso, mas não o deixará chegar aos extremos que são frequentemente e geralmente utilizados pelos estudiosos críticos, em geral.]

#### e. Rogers e McKim e Inerrância

Isso não tem nada a ver *com* crítica de redação, mas estávamos discutindo toda essa questão da inerrância na última aula, e algumas perguntas foram feitas sobre o livro de Rogers e McKim, junto com uma série de outras. Esta é apenas uma lista de livros e artigos recentes sobre esta questão da inerrância e sobre o uso do método crítico literário para estudar as Escrituras. Se você estiver interessado em ler mais nesta área, acho que pode encontrar algum material útil aqui.

Bem no meio da folha está o livro de Rogers e McKim, e com ele veja a resenha de John Woodbridge, “ Autoridade Bíblica: Rumo a uma Avaliação de Rogers e McKim”, *Trinity Journal* , 1980. Eu diria que aquela resenha de Woodbridge, bem como o livro de Woodbridge listado mais abaixo na página e vários artigos de Woodbridge, são provavelmente a melhor coisa que você poderia ler sobre algumas dessas questões que estão corretas. a data. Ok, alguma dúvida sobre críticas de redação?

## 2. Crítica Canônica e B. Childs (Yale)

Passemos à crítica canônica. A crítica canônica está intimamente alinhada com a crítica da redação em seu método de análise literária. A diferença

importante, porém, é que os praticantes da crítica canônica não tratam a Bíblia meramente como literatura, mas antes como Escritura. Brevard Childs, da Yale Divinity School, é o pai e o mais proeminente defensor da crítica canônica. Ele escreveu *Introdução ao Antigo Testamento como Escritura*. Esse é esse volume. É uma introdução ao Antigo Testamento. O título, creio eu, dá a perspectiva do trabalho; o Antigo Testamento como Escritura; não é apenas o Antigo Testamento como literatura antiga. Essa era frequentemente a forma como o Antigo Testamento era tratado pelos críticos das fontes e pelos críticos da forma. Ele diz neste volume que deseja “levar a sério o significado do cânon como um elemento crucial na compreensão das Escrituras Hebraicas”. Ele prossegue dizendo que a abordagem canônica está preocupada em compreender a natureza da forma teológica do texto, em vez de recuperar uma unidade literária ou estética original.

Isso significa que o foco do estudo está na forma final; essa é a forma canônica do texto. Childs diz que quer fazer justiça à integridade do próprio texto, independentemente da “reconstrução diacrônica”. Agora, a reconstrução diacrônica é esta tentativa de voltar atrás e verificar exatamente quais etapas foram envolvidas para que o texto chegasse à sua forma atual. Essa é uma reconstrução diacrônica. Os termos diacrônico e sincronístico são termos muito usados atualmente. Ele está mais interessado no aspecto sincronístico das Escrituras em sua forma final, e não em toda a história de seu desenvolvimento. Mais uma vez, ele não vai negar inteiramente a legitimidade do estudo de toda essa história, mas não é aí que está o seu foco.

Isto, é claro, é uma mudança bem-vinda em relação ao foco crítico informado pela fonte de grande parte do estudo acadêmico do Antigo Testamento no século passado. Há muita natureza positiva que pode ser obtida da escrita de Childs. Ele não apenas escreveu esta introdução, mas também um comentário sobre o Êxodo e uma série de outras coisas. Childs pode ser lido com proveito em muitos casos, mas você deve lê-lo com muito cuidado, porque ele não é alguém com uma visão elevada das Escrituras, embora fale sobre a forma canônica das

Escrituras e a importância disso.

No entanto, Childs não rejeita a legitimidade da análise crítica informada pela fonte da literatura bíblica como disciplina histórica. Ele diz na página 76: “O propósito de insistir na autoridade da forma canônica final é defender o seu papel de fornecer esta norma crítica. O trabalho com a etapa final do texto não é para perder sua dimensão histórica, mas sim para fazer um julgamento teológico crítico sobre o processo. A dimensão profundidade auxilia na compreensão do texto interpretado e não funciona independentemente dele. Distinguir a fonte Yahwista da Sacerdotal e do Pentateuco muitas vezes permite ao intérprete ouvir o texto combinado com imprecisão.

“Mas foi o texto completo combinado que emitiu um julgamento sobre a forma da tradição que continua a exercer autoridade sobre a comunidade de fé. Claro, é legítimo e totalmente necessário que os historiadores do Antigo Oriente Próximo usem como evidência escrita de uma maneira diferente, muitas vezes lendo seu texto obliquamente, mas seu empreendimento é de uma ordem diferente da interpretação das escrituras sagradas que procuramos descrever.”

Agora, acho que essa afirmação é reveladora porque acho que aqui Childs, e li minha próxima declaração, por mais revigorante e útil que seja sua perspectiva canônica quando comparada com a fonte tradicional e a crítica da forma, ele não evita cair na dicotomia entre história e fé. Ele fala desta reconstrução diacrônica, que é uma disciplina histórica, ele está interessado numa disciplina teológica e imediatamente separa as duas. Portanto, ele não evita cair na dicotomia entre história e fé, entre análise científica e significado teológico, tal como é o caso de von Rad e outros antes dele. Von Rad pode levar isso mais longe do que Childs, mas ainda está lá com Childs porque ele ainda aceita a crença, ainda aceita o método crítico histórico, mas você ouvirá muito sobre crítica canônica, e cada vez mais verá em muitos textos evangélicos escrever citações de Childs por causa de seus insights sobre muitas coisas e seu foco na forma final do texto que, afinal, é a mesma coisa em que focamos: a forma final do texto.

### 3. Crítica Retórica e Robert Alter

Tudo bem, terceiro, a abordagem literária da “crítica retórica”. Você pode até chamar isso de crítica literária, mas os termos se tornam tão confusos porque a crítica literária tem sido usada de uma maneira muito diferente ao longo dos anos, ou de muitas maneiras diferentes, então chamaremos essa abordagem literária de crítica retórica.

A definição precisa desta abordagem literária é difícil devido à diversidade desta última tendência na análise da literatura bíblica. No entanto, a ênfase geral envolve claramente uma mudança de um interesse principalmente histórico para um interesse principalmente literário na análise do texto. Dois dos livros mais influentes escritos a partir desta perspectiva são *The Art of Biblical Narrative*, de Robert Alter, em 1981, e *The Idea of Biblical Poetry*, de James Kugel, também em 1981.

Visto que nosso interesse está nos escritos históricos do Antigo Testamento, deixe-me dar uma breve sinopse da ênfase do livro de Alter. Agora, este livro teve uma grande influência. Houve muitos desdobramentos de aplicações e métodos que foram reproduzidos no livro de Robert Alter, *The Art of Biblical Narrative*. Neste livro, Alter, que é professor de hebraico e literatura comparada na Universidade da Califórnia em Berkley, reage contra a crítica das formas literárias tradicionais, embora não rejeite a sua legitimidade e valor. Ele propõe uma análise literária do texto bíblico que define como “as múltiplas variedades de atenção minuciosamente discriminada ao uso artístico da linguagem, o jogo mutável de ideias, convenções, tons, som, imagens, sintaxe, ponto de vista narrativo, unidades composicionais e muito mais. Em outras palavras, é o tipo de atenção disciplinada que, através de todo um espectro de abordagens críticas, iluminou, por exemplo, a poesia de Dante, as peças de Shakespeare e os romances de Tolstoi.”

Ora, isso é crítica literária no sentido tradicional de tentar ver todos esses

recursos retóricos e assim por diante que o autor usa no texto. E, claro, novamente, se você fizer esse tipo de coisa com material bíblico, estará se concentrando na forma final; você não está interessado em saber como chegou a essa forma final, mas sim nas características da literatura tal como está nas Escrituras. Infelizmente, ao desenvolver a sua abordagem, ele rejeita qualquer noção de que a Bíblia seja uma revelação divina (página 20) e caracteriza o material narrativo do Antigo Testamento como ficção em prosa historicizada. Ele diz: “O que a Bíblia nos oferece é um continuum desigual e um entrelaçamento constante de detalhes históricos reais, especialmente, mas de forma alguma exclusivamente, para os períodos posteriores, com história popular puramente lendária, vestígios enigmáticos ocasionais de conhecimento mitológico, histórias etiológicas, ficções patriarcais dos pais fundadores da nação, fraques de heróis, homens de Deus que fazem maravilhas, invenções muito semelhantes de personagens totalmente fictícios ligados ao progresso da história nacional e versões ficcionalizadas de figuras históricas conhecidas. Todas estas narrativas são apresentadas como história; isto é, como coisas que realmente aconteceram e que têm alguma consequência significativa para o destino humano ou israelita” (fim da citação, página 33).

No entanto, ele diz que os antigos escritores hebreus procuravam utilizar a narrativa para falar da “realização dos propósitos de Deus em eventos históricos”. A ficção é o principal meio de fazer isso. Ele diz que as histórias de David podem ter uma base histórica, mas, no entanto, essas histórias não são estritamente historiografia, mas sim a reconstituição imaginativa da história por um escritor talentoso que organiza seus materiais de acordo com certos preconceitos temáticos e de acordo com sua notável intuição da psicologia dos personagens. O autor das histórias de David mantém basicamente a mesma relação com a história israelita que Shakespeare mantém com a história inglesa em suas peças históricas. Então o que ele está dizendo é que ele brinca com ambos os termos: ficção historicizada e história ficcionalizada, e dependendo da narrativa que ele está olhando, ele

colocará ênfase em um ou outro, história ficcionalizada ou ficção historicizada. Mas ele não vai dizer que se trata de história escrita no verdadeiro sentido da palavra. Ele prossegue sugerindo uma variedade de perspectivas a partir das quais a prosa-ficção da narrativa bíblica deve ser lida e analisada. Entre outras coisas, ele fala das técnicas de repetição, da arte da reticência (esse é o tipo de lacunas em uma história que nos deixa pensando; uma certa informação que não está incluída e que faz você pensar sobre a história), o uso de cenas tipo. Ele frequentemente fala da postura onisciente assumida pelos narradores bíblicos. Ele diz: “Talvez a característica mais distintiva do papel desempenhado pelo narrador nos contos bíblicos seja a maneira como a onisciência e a obstrusividade são combinadas. Ele é onisciente e também perfeitamente confiável.” O narrador é onisciente.

a. Narrador Onisciente      Agora, teríamos uma certa concordância com isso, da perspectiva da inspiração, que o escritor tem uma visão das coisas por direção do Espírito Santo, que ele pode saber coisas que um ser humano comum não saberia. Realmente não é isso que ele está dizendo aqui. O narrador onisciente é aquele que cria a história e é onisciente simplesmente porque foi ele quem criou a história. Portanto, ele pode colocar pensamentos nas mentes das pessoas e dizer quais são porque ele é o escritor, não porque tenha sido inspirado a ter esse tipo de visão sobre alguma pessoa histórica real. E, de fato, em um livro que mencionarei mais tarde, um sujeito chamado Lyle Esslinger escreveu *Reinado de Deus em Crise: Leituras de 1 Samuel 1-12* ), e ele fala sobre o narrador onisciente durante todo o seu livro, assim como Alter faz. O narrador onisciente em 1 Samuel é aquele que cria não apenas as histórias que conta e os enredos que estão envolvidos nas histórias e nos personagens... Ele cria os personagens e um dos personagens é Yahweh. Na análise de 1 Samuel de Esslinger , o narrador onisciente cria Yahweh, como qualquer escritor falaria sobre qualquer divindade pagã e inventaria uma história sobre ela. Então veja, você está realmente em um mundo de pensamento totalmente diferente quando fala sobre o narrador onisciente do que quando

falamos sobre um escritor inspirado, mesmo que esse escritor inspirado possa ter um elemento de onisciência por causa da obra do Espírito Santo . Você não quer ficar confuso com isso.

O traço do narrador onisciente é algo que transparece nas histórias. Por exemplo, como em Esslinger com Samuel, se você olhar para o primeiro capítulo de Samuel, os pais de Ana não tiveram um filho e o versículo 5 do capítulo 1 de 1 Samuel diz que o Senhor havia fechado seu ventre. Agora veja, lá está o narrador onisciente falando. O Senhor havia fechado seu ventre. Quem pode saber que o Senhor fechou seu ventre? Bem, o narrador onisciente tem esse tipo de percepção. Claro , ele criou a história. É literatura verdadeira, não historicamente, necessariamente verdadeira. Esslinger simplesmente não está interessado no que realmente aconteceu naquele período de transição dos Juízes para os Reis, que é este tempo da realeza de Deus e da crise. Ele não está muito interessado no que realmente aconteceu historicamente. Ele está interessado no enredo e nas técnicas narrativas do contador de histórias, do narrador, que nos deu esses materiais. Ele inventa uma trama incrível que realmente ajuda Davi e Samuel a serem manipuladores e enganadores que enganaram e disseram a Saul e ao povo para aceitarem Saul como rei. Como ele extrai isso dessas narrativas levaria muito tempo para ser explicado. Mas, veja você, ele se afastou tanto e se afastou tanto do que foi realmente dito nessas narrativas, bem como do que realmente aconteceu historicamente. Ele não está realmente interessado no que aconteceu historicamente. Ele está interessado em analisar isso como uma obra literária e tentar compreender as técnicas, os dispositivos, a visão do autor e assim por diante.

Talvez a característica mais distintiva do papel desempenhado pelo narrador nos contos bíblicos seja a forma como a onisciência e a descrição são combinadas. Ele é onisciente e também perfeitamente confiável. Esslinger também chama a atenção para o uso de palavras-chave no desenvolvimento de argumentos temáticos. Depois de uma análise da história de José em Gênesis, ele diz: “A arte

consumada da história envolve um uso elaborado e inventivo da maioria das principais técnicas da narrativa bíblica que consideramos no decorrer deste estudo: o emprego de temas temáticos, palavras-chave, a reiteração de motivos, a definição sutil de personagem, relações e motivos principalmente por meio do diálogo, a exploração especialmente no diálogo e nas repetições literais com mudanças mínimas, mas significativas introduzidas, as mudanças discriminatórias do narrador da retenção estratégica e sugestiva de comentários para o ocasional ostentação de uma visão onisciente, o uso de pontos de uma montagem de fontes para captar a natureza multifacetada do tema ficcional.”

#### b. Outras críticas retóricas

Agora, esse tipo de análise de materiais narrativos bíblicos está recebendo crescente inteligência nos últimos anos, com nomes proeminentes dessas pessoas: Adele Berlin, *Poetic Interpretation of Biblical Narrative*, 1983. Lyle Esslinger, este livro *Kingship of God and Crisis*, 1985. JP Fockkelman, *Arte Narrativa e Poesia nos Livros de Samuel*, 1981. EM Gunn, dois livros, *História do Rei David, Gênero e Interpretação*, 1978, e *Destino do Rei Saul*, 1980. P. Mishcal *I Samuel Leitura Literária*, 1986. Meir Sternberg, *Poética da Narrativa Bíblica*, 1985, entre os mais destacados. Agora, isso é apenas uma pequena lista, mas você pode ver o tipo de material que está sendo lançado, tudo isso nos últimos cinco anos. É um impulso totalmente novo olhando para características retóricas, pode-se dizer, como a narrativa bíblica.

Os insights produzidos por esses estudos são, em sua maior parte, uma mudança bem-vinda em relação aos resultados severos das metodologias críticas mais antigas. Vários estudos utilizaram análise de enredo e discurso para refutar divisões críticas de texto de longa data em documentos originalmente separados. Isso tende a enfatizar novamente, veja você, a unidade da narrativa. Você vê as técnicas do autor na composição de sua história.

c. Evangélicos e crítica retórica Entre os evangélicos que utilizam este método, consulte sua bibliografia, Longacre e Wenham. Longacre, página três, dois terços abaixo, a obra “José, um estudo sobre a providência divina, texto teórico e linguístico textual, análise de Gênesis 37 e 39-48”. Agora isso ainda não foi publicado, mas será lançado dentro de alguns meses pela Eisenbrauns , em Indiana. Longacre, no entanto, escreveu “Quem vendeu José ao Egito” no volume que Harris e eu editamos para homenagear o Dr. MacRae , publicado há alguns anos, ou há um ano, 1986, “Quem vendeu José ao Egito”. O que ele faz é usar esse tipo de abordagem para mostrar que a análise da fonte documental daquela história de José realmente não se sustenta. Há unidade entre essas fontes, você vê, que mantém a coisa unida, e está realmente utilizando esse tipo de método para mostrar isso. Wenham, que está na próxima página, 4, a terceira entrada ali. Wenham, “A Coerência da Narrativa do Dilúvio”, 1978, usa esse tipo de abordagem para mostrar, com a história do dilúvio de Noé, Gênesis 6-9, que também foi tradicionalmente dividido em J e fragmentado, é uma unidade que refuta esse tipo de divisão crítica da fonte. Então, entre os evangélicos que utilizam esse tipo de método, esses são alguns exemplos.

#### d. Não-Evangélicos Apoiando a Unidade do Texto Contra a Crítica das Fontes

Para uma oposição semelhante à crítica das fontes por parte dos não-evangélicos, e isso é interessante, veja o livro de Lyle Esslinger que mencionei antes, no qual, você sabe, não há uma visão elevada das Escrituras; pelo contrário. No entanto, ele argumenta, face ao consenso consistente dos estudiosos críticos, que Samuel 1-12 é uma unidade, uma unidade literária, em vez de uma série de fontes. Então isso é interessante. Você pode utilizar alguns de seus insights, sem acreditar em toda a sua abordagem. Portanto, veja Lyle Esslinger , que defende a unidade literária em 1 Samuel 1-12.

Veja também Keith Kawada e Quinn, que está em sua bibliografia, página 3, mais ou menos no meio da página: *Antes de Abraão existir: a Unidade de*

*Gênesis 1-11*; esse é este livrinho. Através deste tipo de análise literária e retórica, ele defende a unidade de Gênesis 1-11 de acordo com características literárias. Ele não defende a historicidade. Ele não está interessado nisso. Mas ele defende a unidade.

As palavras da maioria dos praticantes não-evangélicos da abordagem literária sofrem muito com a sua negação da historicidade bíblica. E às vezes, especialmente com Fockelman, que está listado na página 3 de sua bibliografia, caem em tal excesso na busca por técnicas narrativas que parece que muitas das estruturas ditas encontradas devem ser atribuídas mais à imaginação de analista do que às qualidades inerentes da própria narrativa. Parte disso realmente deixa a mente incompreensível. Uma resenha do livro de Fockelman diz: “Pode muito bem haver alguns padrões narrativos reveladores, mas separá-los do pântano das trivialidades é virtualmente impossível. Durante a maior parte do tempo, lembrei-me do comentário do Dr. Johnson sobre um crítico de Shakespeare de que ele não apenas explicou o que nenhum homem jamais pensou que precisava de explicação, mas, além disso, ele explicou errado.

Sem consenso

Hoje não há consenso, eu diria. Há muitas direções diferentes em que pessoas diferentes estão tomando. Certamente há uma nova ênfase nesse tipo retórico de crítica, abordagem literária, particularmente com materiais narrativos; essa é a grande questão. Isso é o que parece estar gerando mais textos e interesse no momento, mas entre os não-evangélicos. Os evangélicos não fizeram muito com isso, tem havido um pouco, mas entre os não-evangélicos, e isso geralmente é combinado com a completa negação da historicidade.

Também com algumas das pessoas envolvidas nisto, há antagonismo em relação ao tipo de abordagem crítica da fonte. Há um debate em andamento sobre o fato de algumas dessas pessoas quererem manter a legitimidade de todo esse tipo de coisa crítica da fonte e trabalhar com a forma final, sem negar a legitimidade.

Outras pessoas querem dizer que todo esse tipo de material crítico de fonte realmente não é a maneira de abordá-lo. Apenas nenhum consenso, mas muito debate.

O “Estruturalismo” seria um desdobramento desta última abordagem literária que se torna muito mais complexa e filosoficamente envolvida na dinâmica da linguagem, e não sei o suficiente sobre o estruturalismo para realmente falar sobre ele de forma inteligente, mas vamos colocá-lo sob esse aspecto. categoria.

Pergunta: Outros escritos religiosos são tratados da mesma forma que a Bíblia?

Resposta: Eu acho que sim, mas, você sabe, minhas experiências estão dentro dos círculos de pessoas preocupadas com a Bíblia, e vivo em uma civilização ocidental que é basicamente judaico-cristã. Se eu vivesse no mundo árabe, no Médio Oriente, ou se você vivesse no Extremo Oriente, poderíamos saber que tipo de análise literária, digamos, do Alcorão ou de Confúcio, ou o que quer que esteja a acontecer. Não sei, mas suspeito que há muito mais críticas sendo feitas à Bíblia do que a outras obras.

Eu não acho que você possa dizer que existe qualquer outra peça de literatura - se você apenas olhar para ela como uma peça de literatura - eu não acho que exista qualquer outra peça de literatura que tenha tido tanto impacto e influência sobre cultura mundial como a Bíblia fez. Agora, se você pensar em Shakespeare, alguém assim tem uma certa influência, mas nem de longe a influência das escrituras. Claro, não se trata apenas de literatura; e mesmo que você se afaste e olhe para isso de um ponto de vista secular, é literatura religiosa, então você inseriu toda uma terceira dimensão da religião na discussão. Acho que a questão é que você não pode simplesmente olhar para a Bíblia como literatura. A Bíblia é literatura, mas é mais do que isso porque Deus falou nela e através dela, e isso é um trabalho sensível.

CS Lewis, Redação de História e Revisores Literários sentindo falta disso

Vamos falar um pouco mais sobre a escrita histórica do Antigo Testamento. Deixe-me começar; temos mais alguns minutos. Talvez antes de fazer isso, deixe-me compartilhar isso com você, então pararei com isso. Toda essa área de crítica literária – eu estava tentando colocar a mão, pouco antes de entrar na aula, sobre um artigo escrito por CS Lewis que pensei estar no *Christianity Today*, talvez no final dos anos 50, com o tema da vida que sempre achei útil. CS Lewis diz que muitas pessoas escreveriam resenhas de seus livros e fariam certas suposições sobre quais eram as circunstâncias sob as quais ele escreveu: o que o influenciou a fazer isso, você sabe, todos esses tipos de conjecturas. Talvez você esteja ciente de que ele está abordando esse assunto. Ele diz: “Os críticos de *Piers Plowman* e da *Faerie Queen* fazem construções gigantescas sobre a história dessas composições. É claro que todos deveríamos admitir que tais construções são conjecturais. E como conjecturas, você pode perguntar, algumas delas não são prováveis? Talvez sejam. Mas a experiência de ser revisado diminuiu minha estimativa de sua probabilidade. Porque, quando começamos por conhecer os factos, descobrimos que muitas vezes as construções estão totalmente erradas. Aparentemente, as probabilidades de estarem certos são baixas, mesmo quando são feitas de acordo com linhas bastante sensatas. É claro que não estou esquecendo que o revisor dedicou, com razão, menos estudo ao meu livro do que o estudioso dedica a Langland ou Spenser. Mas eu deveria ter esperado que isso fosse compensado por outras vantagens que ele tem e que faltam ao estudioso. Afinal, ele vive na mesma época que eu, sujeito às mesmas correntes de gosto e opinião, passou pelo mesmo tipo de educação. Ele dificilmente pode deixar de saber – os revisores são bons nesse tipo de coisa e se interessam por isso – bastante sobre minha geração, minha época e os círculos em que provavelmente pertencço. Ele e eu podemos ter conhecidos em comum. Certamente, ele está pelo menos tão bem colocado para adivinhar sobre mim quanto qualquer estudioso está para adivinhar sobre os

mortos. No entanto, ele raramente acerta.

Portanto, não posso resistir à convicção de que suposições semelhantes sobre os mortos parecem plausíveis, apenas porque os mortos não estão lá para refutá-las; e que uma conversa de cinco minutos com o verdadeiro Spenser e o verdadeiro Langland poderia despedaçar todo o laborioso tecido. E observe que em todas essas conjecturas o erro do revisor foi bastante gratuito. Ele tem negligenciado aquilo para o qual é pago, e que talvez pudesse fazer, a fim de fazer algo diferente. Seu trabalho era fornecer informações sobre o livro e julgá-lo. Essas suposições sobre sua história são totalmente fora de questão. E neste ponto, tenho certeza de que escrevo sem preconceitos. As histórias imaginárias escritas sobre meus livros nem sempre são ofensivas. Às vezes eles são até elogiosos. Não há nada contra eles, exceto que não são verdadeiros e seria bastante irrelevante se fossem.”

Agora, penso que o que ele quer dizer é que se os críticos literários não conseguem, através dos seus meios de reconstruir hipoteticamente o que estava a acontecer que o influenciou na escrita do seu livro e como isso aconteceu, se não conseguem fazer isso que exatamente na época de Lewis, como você pode fazer isso por alguém que viveu há 100 anos, ou 1.000 anos atrás, 3.000 anos atrás e fazê-lo com alguma garantia de que o que você está dizendo é realmente como as coisas eram. Torna-se tão especulativo. Eu acho que 90-95% desse tipo de trabalho é exatamente isso. É extremamente especulativo e hipotético.

Transcrito por: Matt Petrick , Brett Olsen, Ben Senning , Allison Chaponis , Sarah Boyd  
e editora Abigail Searles  
Editado por Ted Hildebrandt  
Edição final do Dr.  
Renarrado pelo Dr.